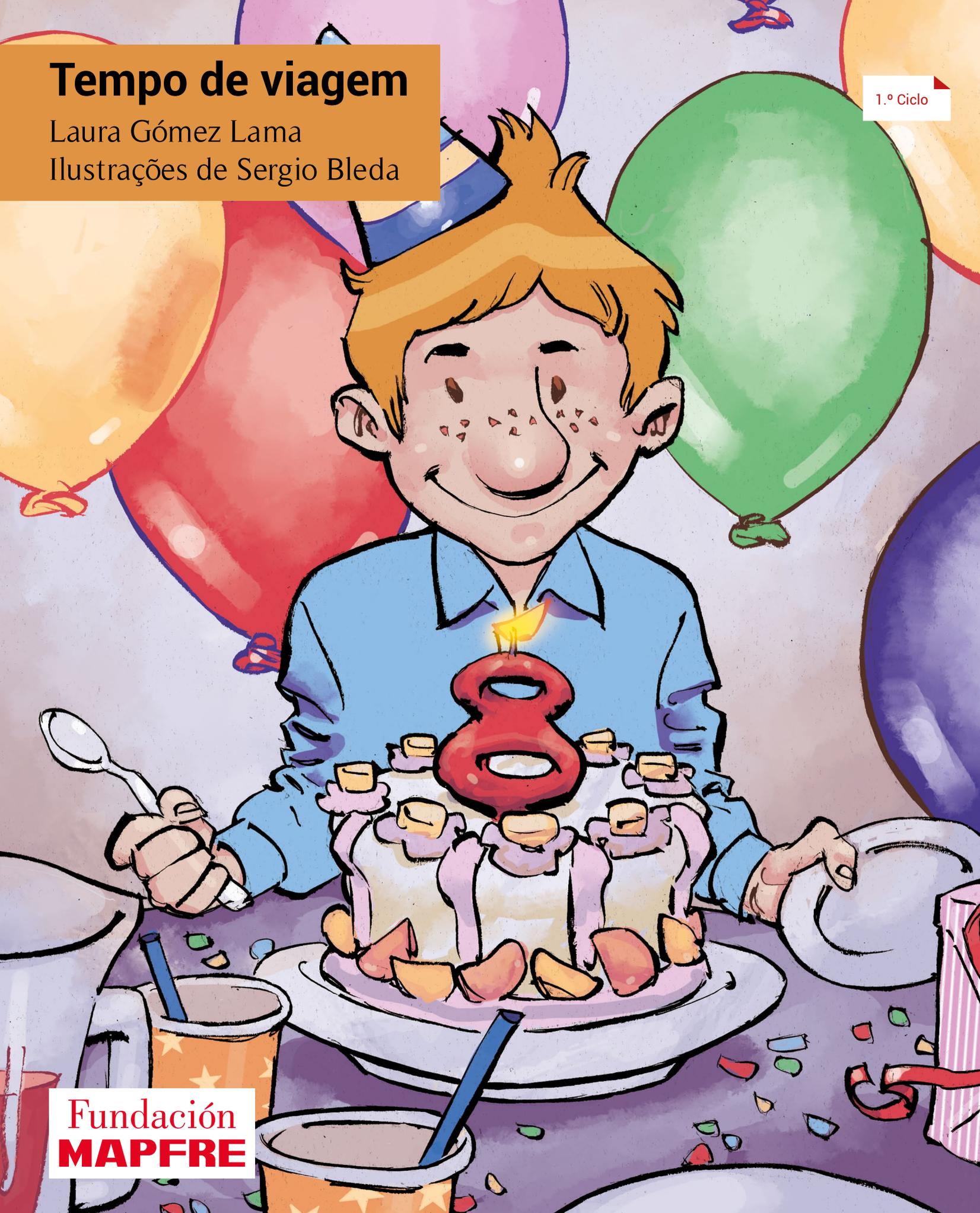


# Tempo de viagem

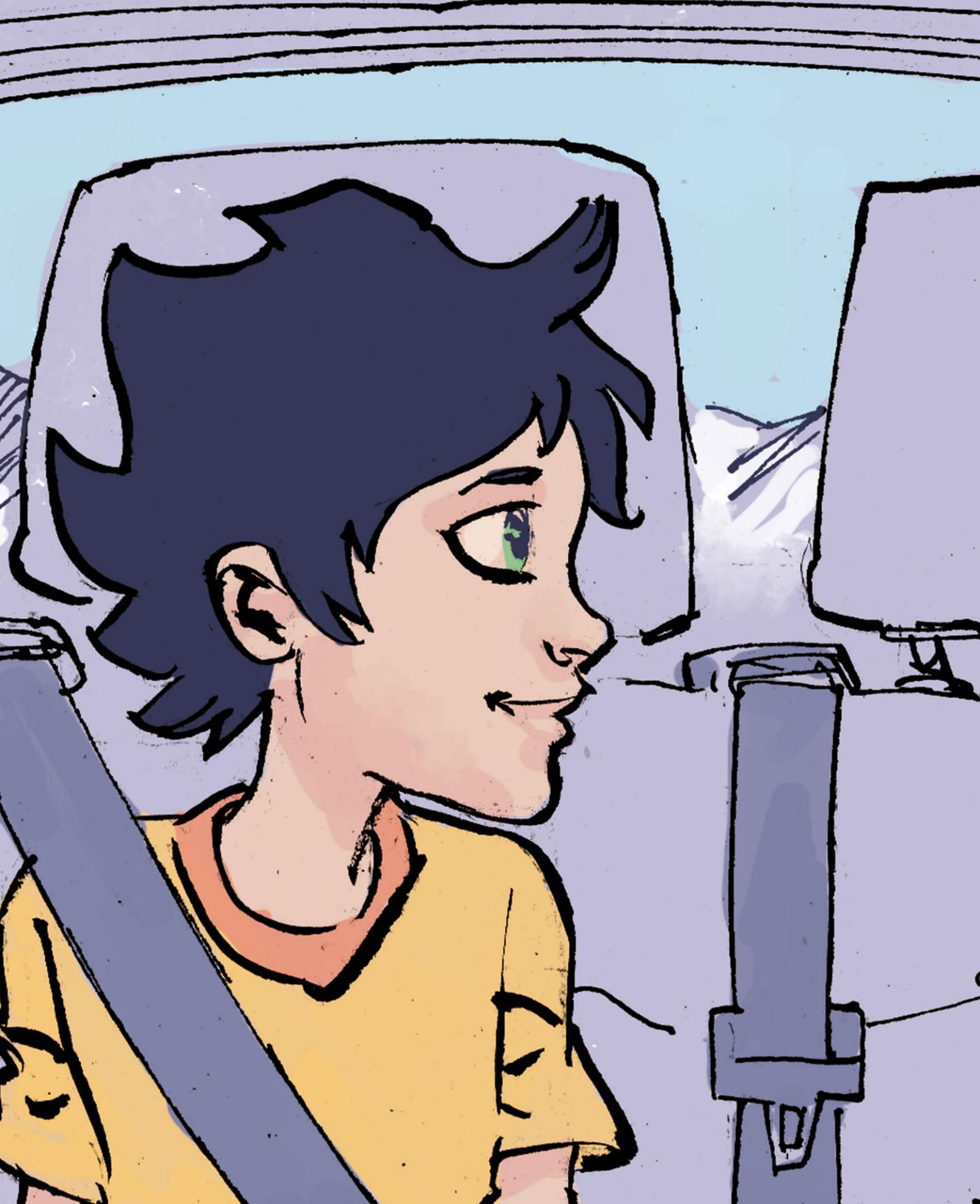
Laura Gómez Lama

Ilustrações de Sergio Bleda

1.º Ciclo

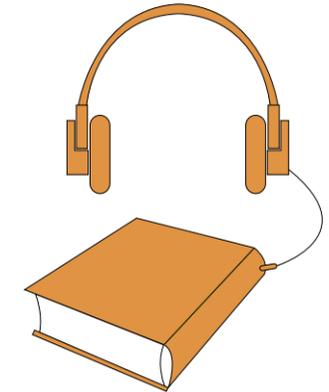


Fundación  
**MAPFRE**



Desfruta deste livro noutros formatos.

Disponível em audiolivro.



Podes ler no teu computador,  
telemóvel ou tablet.

Poderás encontrar tudo isto no nosso website.

[www.fundacionmapfre.org](http://www.fundacionmapfre.org)

*Tempo de Viagem*, 2015.  
*Edição portuguesa: 2022*  
Programa de Prevenção e Educação Rodoviária na Sala de Aula no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O Programa de Prevenção e Educação Rodoviária na Sala de Aula é uma iniciativa da Área de Prevenção e Segurança Rodoviária da Fundação MAPFRE, dirigida a todos os níveis de ensino. Tem como objetivo promover boas práticas de segurança rodoviária nas escolas.

A edição portuguesa foi elaborada em 2022 fruto de um protocolo de colaboração com a Direção-Geral da Educação, tendo contado com a revisão técnica da APSI, Associação para a Promoção da Segurança Infantil.

Gestão do projeto: Área de Prevenção e Segurança Rodoviária – Fundação MAPFRE.

Coordenação: Territorio creativo.

Edição e design didático: La Llave. Gestión y producción cultural.  
Design e layout: Rebeca López González e M. Isabel Martínez Jiménez.  
Adaptação do design para a versão portuguesa: KICO, Kids Communication Agency.  
Revisão técnica da versão portuguesa: APSI, Associação para a Promoção da Segurança Infantil.  
Validação Técnico-pedagógica da versão portuguesa: Direção-Geral da Educação.

© Do texto: Laura Gómez Lama.  
© Das ilustrações: Sergio Bleda.

© Desta edição:  
FUNDACIÓN MAPFRE  
Área de Prevenção e Segurança Rodoviária  
Paseo de Recoletos, 23  
28004 Madrid  
[www.fundacionmapfre.org](http://www.fundacionmapfre.org)

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação ou modificação desta obra só poderá ser feita mediante autorização, salvo nas exceções previstas por lei.

Versão original, 2015  
I.S.B.N.: 978-84-9844-546-6

# Tempo de viagem

Laura Gómez Lama

Ilustrações de  
Sergio Bleda

**E**ra 1 de novembro de manhã, dia em que Vicky fazia oito anos. Era ótimo festejar o aniversário naquela data, pois era sempre feriado e todos os seus amigos vinham mascarados por causa do Halloween. À medida que o outono avançava, ia escurecendo mais cedo e Vicky sentia-se muito mais velha, a ponto de poder celebrar uma festa à “noite”, na qual lhe permitiam usar maquiagem.

António, o seu primo mais novo e o único que tinha, não gostava muito desse dia. Para ele não tinha graça nenhuma que a sua prima favorita — não tinha outra — ficasse mais velha, pois ele tinha a sensação de que ela o deixaria para trás. Não é que ele também não fizesse anos; é que, na sua prima, os anos pareciam mais visíveis. Por exemplo, mesmo que ambos crescessem, ela era sempre mais alta. Apesar de ambos terem a mesma idade durante mais de metade do ano, ela estava um ano à frente na escola. Se na lista da nataçao a chamada fosse feita pelo apelido, Vicky seria Vargas Heredia enquanto ele era Vargas Pérez, e entre eles havia sempre um Vargas Iglesias, Vargas López...



Na verdade, embora existisse apenas meio ano de diferença entre os dois primos, o ano escolar que os separava criava uma grande distância. Pois, ela estava sempre a olhar para o ano seguinte e, claro, nunca em circunstância alguma olhava para trás. Ou seria para baixo? Bom, a verdade é que ela nem reparava nos que estudavam no mesmo ano de António.

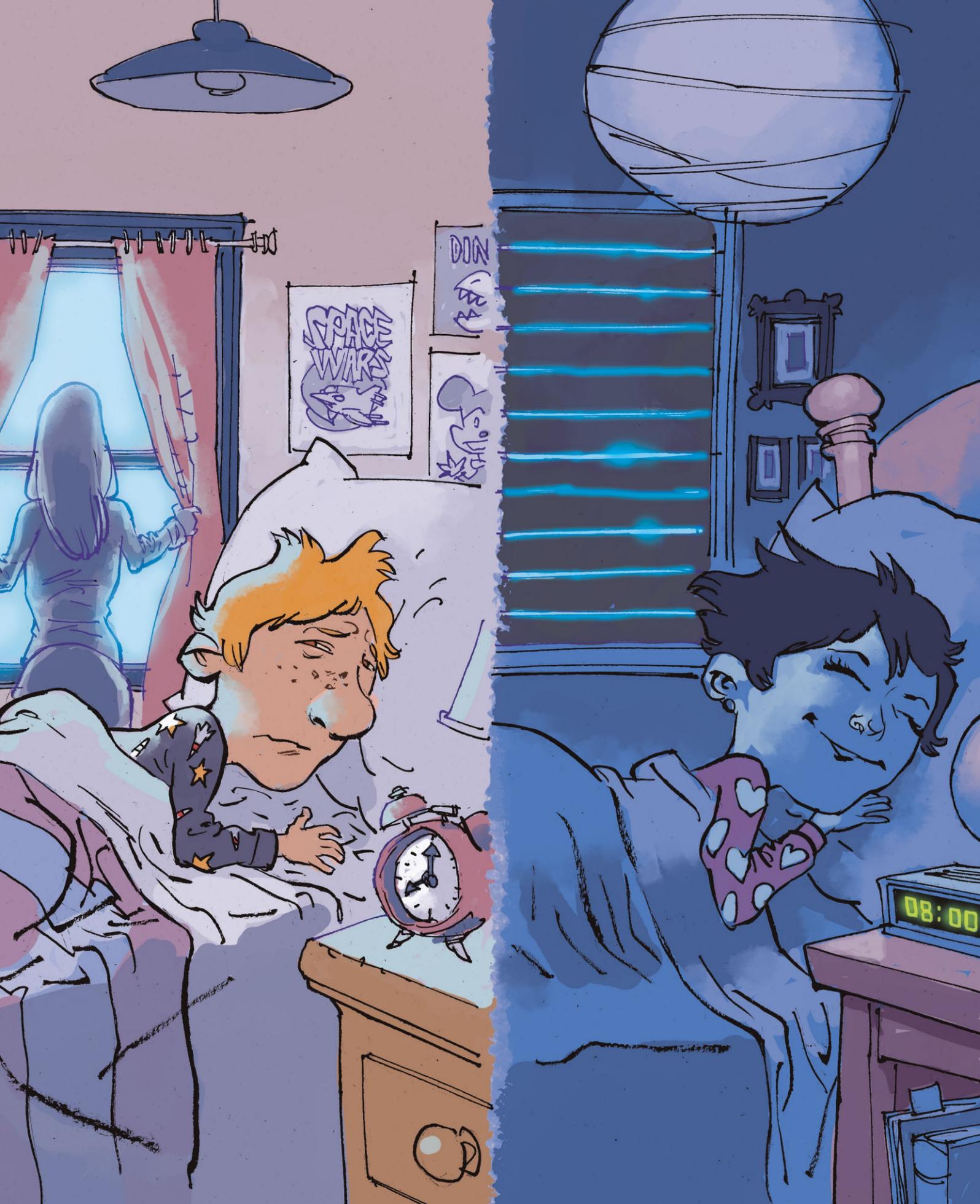
É por isso que António, que antes pedia aos pais para frequentar a mesma escola da prima, agora perguntava a si próprio se ela o cumprimentaria no recreio ou faria de conta que não o tinha visto nos corredores, e a verdade é que ele realmente não tinha vontade de

saber. Teria sido uma decepção, porque antes, quando Vicky não era tão alta e convencida, ela e António eram como irmãos. E quando toda a família passava o verão na casa da avó, António não tinha a sensação de que Vicky o deixaria para trás. Sim, ela estava sempre à frente porque aprendia tudo primeiro, mas depois ensinava-o e, por isso, ficavam ao mesmo nível. E, ainda que estar em pé de igualdade fosse mais stressante para António do que para Vicky, os dois divertiam-se muito fazendo o que quer que fosse.

—Vicky, vamos investigar — dizia António com a lanterna azul na mão. —Vamos — respondeu Vicky, abrindo a gaveta para tirar a lanterna vermelha do jogo que a avó lhes tinha dado.

Então eles desciam para o jardim, entrando nos cantos mais improváveis. “Quanto mais escuro, melhor para investigar!”, lembrava António rindo-se. Mas mudava logo de cara quando acordava do sonho, lembrando-se de como a sua prima se tinha tornado arrogante. Bem, e não é que ele passou o último domingo a pensar como seria bom ir de carro com o pai para a escola?

—Eu adoro ir de carro com o meu pai. E tu também gostas? Ah, é verdade, tu vais de autocarro. A que horas é que te levantas? Ugh, eu gosto de me rebolar na cama e levantar-me apenas a tempo de me vestir e pentear... Eu tomo o pequeno-almoço no carro. Antes o meu pai não me deixava, porque podia sujar-me, mas, por fim, por eu ser tão dorminhoca, não teve escolha... Além disso, eu tenho muito cuidado para não me sujar. Então é ótimo tomar o



pequeno-almoço no carro e conversar com o meu pai sobre todas as coisas importantes que planeamos fazer todos os dias. Como eu falo muito, às vezes ele tem que me pedir para me calar porque precisa de se concentrar na estrada. Outra coisa que eu adoro é atender o telemóvel dele porque, como ele está a conduzir, não pode atender as chamadas. Então eu torno-me a sua secretária. E acredito que faço isso muito bem, porque a minha mãe deu-lhe um ‘mãos-livres’, mas ele diz sempre que prefere que eu me encarregue disso e que qualquer chamada tem que esperar até ele estacionar. Ele diz que o mais importante é a nossa segurança e nunca arranca até que todos tenham posto o cinto. Isso mesmo! As minhas amigas acham-no fantástico. Sabes que ele me traz um lanche sempre que me vem buscar? Ficavam todas cheias de inveja, mas, como eu te contei, agora quase sempre ele leva alguma coisa a mais no carro para elas e, é claro, elas gostam muito dele!

António não sabia o que responder a todas estas informações que recebia ao mesmo tempo. Só conseguia pensar na fome que tinha desde a saída da escola até chegar a casa e em como a sua prima era sortuda, mesmo que fosse só pelo lanche que o pai lhe levava. Só por ouvir falar de comida o pobre António já ficava com água na boca. Olha! Ela certamente também seria mais pesada do que ele.

- Quanto pesas? — perguntou à prima.
- Isso é má educação — disse ela, recompondo-se.
- Porquê? Eu só queria saber se eu pesava mais do que tu.



—Espero que sim — disse ela, olhando para o primo de alto a baixo. — Olha, Toninho, essas coisas não se devem perguntar às raparigas, assim como não se pergunta se elas têm namorado.

—Tu tens?

—Vê se cresces! — respondeu ela, levantando-se da cadeira e atravessando o corredor com um andar muito estranho.

Para o António, toda essa conversa — que Vicky teve com ela mesma — levantou-lhe outra dúvida sobre a sua prima: será que ela ainda usava o banco elevatório no carro? Mas ele não lhe perguntou, pois calculou que também não deveria perguntar essas coisas.

\*\*\*\*\*

O tempo passou e chegou o dia 22 de abril, dia em que o António fazia oito anos. “Voltamos a encontrar-nos”, pensou ele quando estava à frente do bolo. Na verdade, como todos os anos, por fim chegava o dia — que dia? O grande dia — no qual começavam os seis meses, uma semana e dois dias em que Vicky e António tinham a mesma idade. Além disso, António já tinha crescido bastante e, embora continuasse a comer como um elefante, o seu corpo ia ficando cada vez mais alto e magro. Ele teria gostado de perguntar à sua prima quanto é que ela media, mas como essas coisas não se perguntam, ele ainda não tinha a certeza se tinha conseguido

alcançá-la. “As coisas mudam quando cresces” — pensou ele, lembrando-se de quando a avó os encostava a uma parede e fazia uma marca para cada um. “E agora é segredo!”

Quando as aulas terminaram, já era oficial: ainda não sabia os números, mas os comentários falavam por si mesmos.

—Meu Deus, António! Como é que crescestes tanto? — perguntou-lhe Vicky um dia na piscina municipal.

—Bem, o de sempre: comer, dormir...

—E comer outra vez, não é? Não sei como é que consegues!

—É que antes eu crescia em largura e agora cresço em altura.

—Ouve, sabes alguma coisa sobre um acampamento?

—O acampamento de verão? Há algum problema?

—Não, é que a minha mãe disse que talvez me mandem para lá contigo em agosto. Disse que é para ver se eu deixo de ser parva. Porque estás a rir?

—Nada. É que, quando te enviarem para o acampamento, esquece o verniz, as saias e os cabelos soltos.

—Claro, lá ninguém me conhece...

—Então tu queres ir?

—Até sou capaz! Mas prefiro encher-me de protetor solar aqui à sombra e tomar um banho na piscina. Lembra-me que, se me mandarem, tenho que levar um protetor para não me queimar.

—E um chapéu e uma garrafa de água.

—E repelente.

—Mas vais?

—Nem pensar! Estava só a imaginar...

Finalmente, o primeiro dia do acampamento chegou. No dia 10 de agosto, às oito e meia da manhã, António já estava sentado no autocarro. Como chegou cedo, já tinha guardado a sua bagagem e tinha escolhido o lugar que mais gostava: na quarta fila à janela. No entanto, Vicky ainda não tinha chegado. Faltavam dez minutos para o autocarro partir e a monitora começou a olhar para o relógio e a murmurar: “Já deveriam estar todos aqui”.

Às nove horas em ponto, à hora a que deviam sair, chegou finalmente o último viajante: a sua prima. Ela trazia uma mala da Barbie, tinha os cabelos soltos e óculos de sol, que a impediam de ver o primo. Ele também não se esforçou para ser visto, já que todo o autocarro protestava por ter que esperar por uma “betinha atrasada” durante mais de meia hora, tendo em conta que quase todos estavam nos seus lugares com trinta minutos de antecedência, como indicado no folheto. António afundava-se no assento, pois sabia que esse atraso teria consequências para ela. Foi um bom começo!

—Eu não te vi — disse Vicky sem tirar os óculos.

—Estás atrasada.

—Adormeci... Desculpa! — disse ela, respondendo às reprovações generalizadas. Vá, sê simpático e deixa-me sentar à janela.

—Tivesses chegado mais cedo.

—Por favor, por favor...

E foi assim até conseguir que António lhe cedesse o lugar com a promessa de que trocariam a meio do caminho. Entretanto, a viagem acabou por ser um pesadelo, já que, como a sua prima

não estava acostumada a viajar de autocarro, ela não parou de incomodar, tanto pela ignorância como pelo egoísmo. Por exemplo, assim que Vicky chegou, como estava com sono, decidiu fechar as cortinas enquanto as crianças ainda estavam a dizer adeus, o que desencadeou uma “guerra de cortinas” que obrigou a monitora a intervir. Depois ela precisava de esticar as pernas e, vendo que não era suficiente esticá-las para cima do António, decidiu colocar os pés — descalços! — entre as frestas do banco da frente. A pobre rapariga do banco da frente — por sinal muito bonita, chamada Sara — não sabia se devia rir ou chorar. E, ainda não contente por quase lhe ter metido os pés na boca, Vicky começou a colocá-los no encosto do banco, junto com os joelhos, até que Sara não aguentou mais e chamou a monitora para que ensinasse Vicky “a comportar-se”.

E não ficou por aí. António não podia acreditar quando se viu na mesma situação do início: foi-se afundando no assento enquanto esperava que a sua prima chegasse, para que o autocarro pudesse retomar a viagem após uma pausa para descanso. Depois, viu-a chegar muito tranquila, fingindo que não tinha percebido como estava atrasada, mastigando pastilha elástica e com um pacote de batatas fritas na mão.

—Queres? — disse ela, enquanto apontava com uma mão o pacote para o António e, com a outra, colocava a pastilha na borda da janela.

—Meu Deus! É incrível como és mal-educada.

—E o que queres que eu faça se não há aqui nenhum caixote do lixo?



—Arranja um pedaço de papel, embrulha-a e guarda-a até saíres.

Vicky olhou à sua volta e não viu nenhum papel, mas, quando António tirou um do bolso, decidiu fazer o que o primo tinha “sugerido”.

—E, por favor, tem mais consideração pelos outros ou isto vai ser um inferno — advertiu o rapaz.

—Consideração?

—Sim. Não estás no carro do teu pai, por isso deves respeitar as regras e não incomodar as outras pessoas.

—Que regras?

—A mais básica é ficares bem sentadinha no teu lugar com o cinto de segurança apertado. E calça os sapatos porque os teus pés cheiram mal!

—Sim, calça-te! — disse Sara no seu lugar.

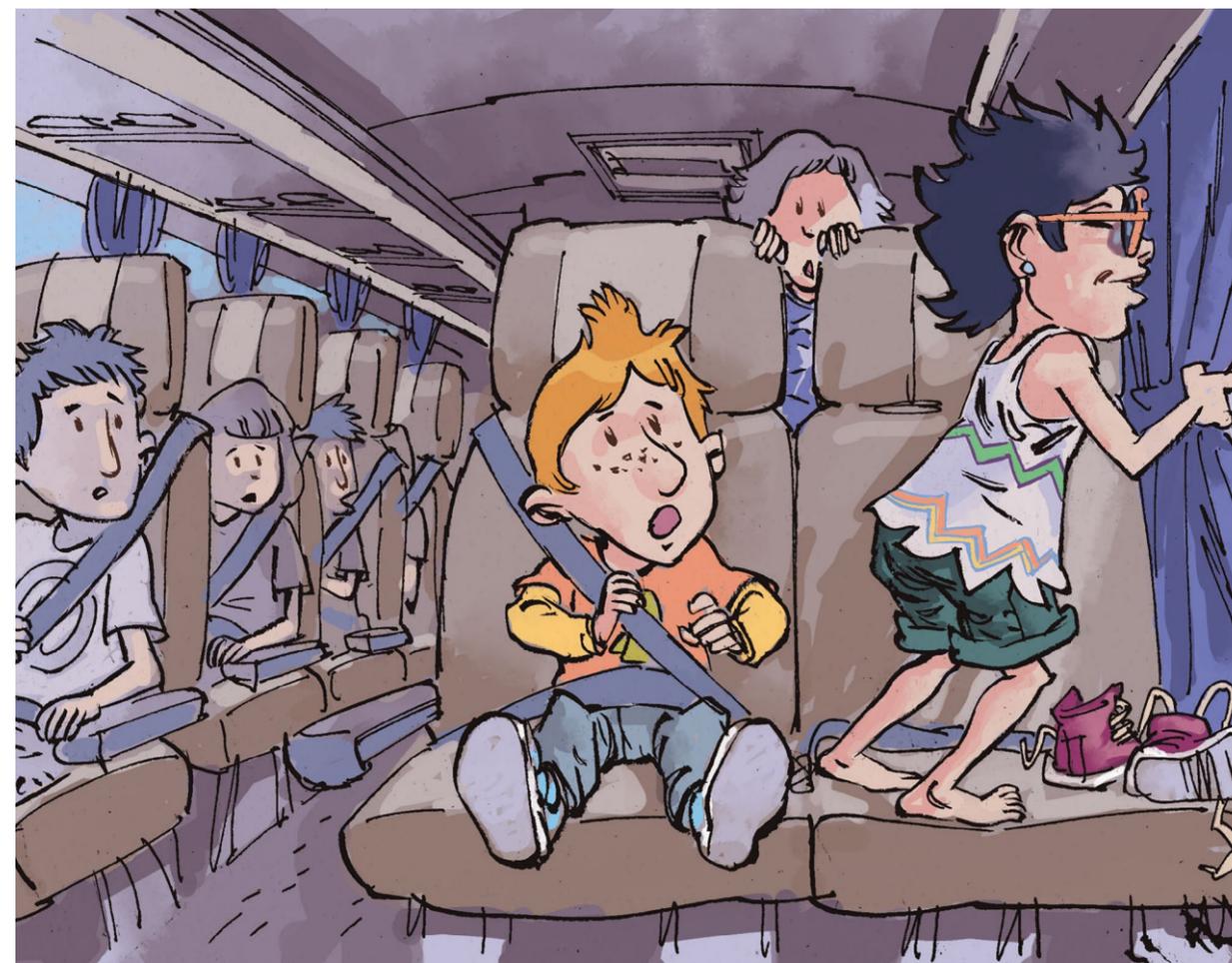
—Ok. Mais alguma coisa? — disse ela, deitando o pacote de batatas vazio para o chão. Olhando para a cara do primo, apanhou-o e colocou-o ao lado da pastilha elástica.

—Agora que estás no lado do corredor, é melhor não esticares os pés para o banco da frente, e não deixes a tua mochila no meio do caminho porque alguém pode tropeçar.

—Entendido. E nada de incomodar o motorista, essa eu sei.

—Sim, acho que ele é o único que tu ainda não incomodaste.

Ao chegar ao acampamento, todas as crianças se juntaram no corredor e Vicky percebeu que não era a única “selvagem” do grupo.



Então, a monitora obrigou-os a voltarem para os seus lugares para começarem a sair de forma ordenada.

Uma vez lá, não terminaram os problemas de Vicky com os seus companheiros, especialmente com as raparigas com quem ela partilhava o quarto, que tinham que tolerar a sua pasta de dentes em todo o lavatório e as suas coisas espalhadas por todo o lado. Sem mencionar a falta de solidariedade para com os outros, sempre a atrasar as atividades por chegar tarde. No entanto, todos esses

problemas de convivência foram corrigidos à medida que os outros iam censurando, o que deu a António algum prazer, mas também pena, porque viu que ninguém gostava da sua prima e que ela estava sempre sozinha ou com ele.

—Porque não queres fazer amigos? — perguntou António sem saber muito bem se a pergunta era adequada para raparigas.

—Eles não gostam de mim. Eu sei que não faço nada bem, mas eu tento.

—Eu sei. Mas é que...

—Não tenho jeito para fazer amigos. Com os de sempre é diferente, pois não me lembro que tenho de fazer amizade. Como é que fazes isso?

—Quando está alguém ao meu lado, eu começo a falar e, normalmente, eles respondem.

\*\*\*\*

Vicky suspirou na sombra enquanto todos tomavam banho. Eles tinham ido de bicicleta passar o dia a um lago perto do acampamento e, apesar da distância ser curta, todos estavam bem equipados com os seus capacetes.

—A princesa foi pontual hoje? — perguntou Sara enquanto passava por ela.





A pobre Vicky começou com o pé esquerdo e não sabia como corrigir isso. Estava a pensar quando, de repente, todos começaram a juntar-se à volta da monitora, que, aparentemente, tinha magoado um pé quando ia ralhar com algumas crianças que estavam a atirar pedras umas às outras. Eles esperaram algum tempo, mas o tornozelo estava cada vez mais inchado. Então decidiram que alguém teria que voltar para o acampamento para pedir ajuda e Vicky viu aí a sua oportunidade de fazer algo pelo grupo e mudar a opinião de todos sobre ela.

—Eu vou — disse em voz alta.

—Eu vou contigo — disse Sara imediatamente. Eu não confio em ti, princesinha.

Havia dois coletes refletivos no kit de primeiros socorros da monitora, que ambas vestiram, pois depressa começaria a escurecer. Foi Vicky quem se lembrou dos coletes e verificou que as duas bicicletas tinham luz branca à frente e vermelha atrás, bem como um refletor.

Quando chegaram ao caminho, Vicky disse a Sara que era melhor não irem por ali pois, embora fosse o trajeto mais curto, havia uma grande quantidade de desvios e, se escurecesse, era mais fácil perderem-se. Sara achou uma decisão sensata e, então, tentaram regressar pela estrada. No entanto, quando lá chegaram, Sara entrou em pânico pois estava a escurecer e ela não parava de dizer que um carro podia atropelá-las

—Não te preocupes. Talvez eu não saiba como me comportar num autocarro, mas sei como as bicicletas devem circular. Se o fizermos corretamente, nada nos acontecerá. Além disso, vamos pela ciclovia onde não passam carros nem camiões.

Sara não confiava muito na sua “não amiga”, mas estava com medo e Vicky parecia tão segura que se deixou levar.

—Vamos ver... Vamos com muito cuidado: temos que andar pela direita. Eu vou primeiro e tu vais atrás de mim, em fila.

As raparigas partiram. Pedalando lentamente, apesar da pressa, pois a escuridão podia pregar-lhes uma partida.



—Porque paraste? — perguntou Sara quando chegaram a um cruzamento.

—Temos que parar por precaução. Além disso, vem aí outro ciclista e ele tem prioridade.

—O que estás a fazer? — perguntou Sara de novo quando viu Vicky estender o braço horizontalmente à altura dos ombros.

—Estou a avisar-te que vou recomeçar a pedalar. Não conheces os sinais? Olha, tens que te certificar que podes fazê-lo em segurança, sinalizas e comesças a pedalar. Agora tu. Quando chegarmos à entrada do acampamento, que está à direita, vou indicar-te com o braço direito, horizontalmente, com a mão virada para a frente. Vês — disse enquanto o fazia. E virou.

—E se a entrada estivesse à esquerda?

—Então eu indicaria da mesma forma, mas com o braço esquerdo.

—Como é que sabes tanto sobre isso?

—Quando estou no carro com o meu pai e não temos nada para fazer, relembramos todas as regras e sinais de trânsito. O meu pai diz que se sente mais seguro e que saber isto será muito útil para mim.

—Sim, e foi. Trouxeste-nos até cá — disse Sara, saindo da bicicleta. Desculpa-me. A verdade é que eu não acreditava muito em ti.

—O importante é que confiaste em mim. Anda, vamos lá avisar.

Elas cumpriram perfeitamente a sua missão. Quando chegaram, cheias de fome, todas as crianças saíram do autocarro e correram para a cantina, onde já estavam as suas companheiras.

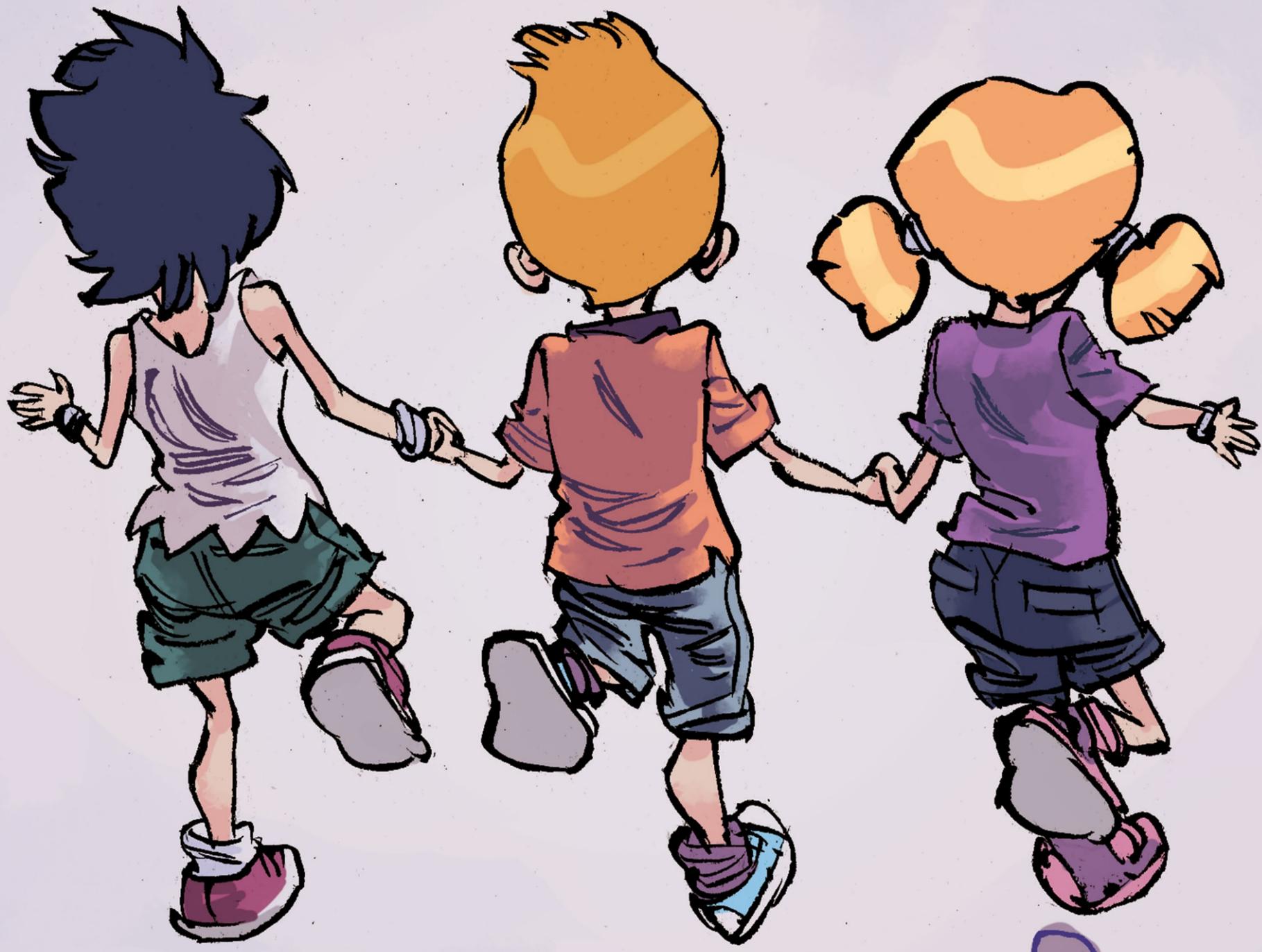
Elas começaram a sentar-se à volta delas, agradecendo-lhes e fazendo-lhes perguntas sobre a aventura: se elas tiveram medo, se não se perderam... Sara contou a todos como Vicky manteve a calma e como conseguiram chegar ao acampamento em segurança. Enquanto a escutava, António piscou o olho à sua prima, dando a entender que, finalmente, o melhor tinha começado. E assim foi...

Naquela noite, Vicky percebeu que o jogo do pai sobre as regras de trânsito era a maneira que ele tinha encontrado para a ensinar o que fazer e como. E mesmo que fosse impensável até então, no final do acampamento ela sentiu-se triste por ter que deixar os amigos que tinha feito, pois sabia que não importava quantos telefones e cartas eles trocassem, certamente nunca mais os veria. Apenas Sara permaneceu em contacto com ambos os primos, tornando-se uma grande amiga, que num ou noutro fim de semana ia dormir a casa deles e vice-versa. Mais tarde, já tinham idade suficiente para sair, a diferença escolar entre os primos já não se notava, pois eram os três do mesmo grupo de amigos.

Além da amizade com Sara, esse verão foi importante por muitas razões. Vicky aprendeu muito sobre convivência e solidariedade entre colegas. Fazer novos amigos era muito mais fácil do que imaginava, embora tivesse que cooperar, é claro: um pouco de simpatia aqui, um pouco de colaboração acolá e, sobretudo, superar a vergonha inicial. Para o seu primo António não era tão difícil, porque não sentia aquela barreira ou medo de abrir a boca. Na verdade, eram muito diferentes, mas, no final, o mais importante

é que se complementavam bem e que, embora às vezes se afastassem, podiam sempre contar um com o outro.

**FIM**



**Laura Gómez Lama**, nascida em Madrid, a sua carreira focou-se na redação na área da educação. Trabalhou em imprensa, embora tenha feito a sua formação em Jornalismo, dissertando sobre os clássicos do cinema na rádio. A magia dos media e o poder que a palavra exerce na imaginação não só conseguem inspirá-la, como a hipnotizam até a deixarem “a viajar por outros mundos”.

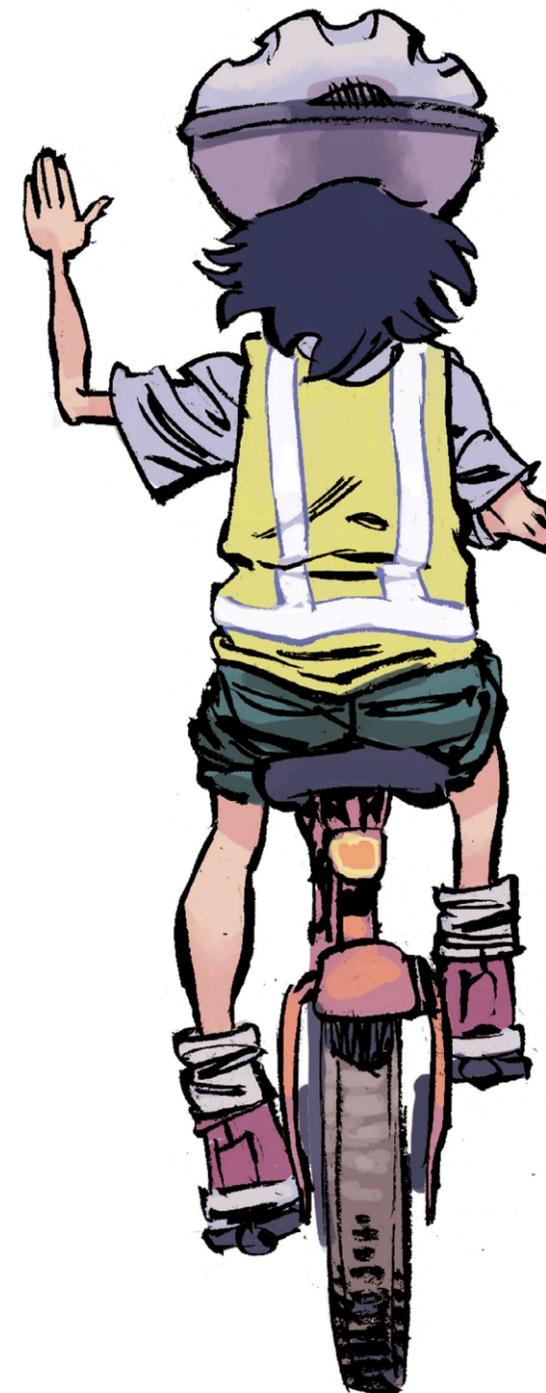
Interessa-se pela literatura infantil e juvenil, vendo-a como “um aliado na transmissão de conhecimento e experiência dos adultos, que por um momento abandonam o seu papel meramente expositivo, sentando-se para conversar em pé de igualdade, dizendo às crianças: isto é o que eu sei, o resto é convosco”.

Atualmente coordena a revista Escuela Infantil.

**Sergio Bleda**, nascido em Albacete, é cartoonista e ilustrador profissional há vinte anos. As suas obras foram publicadas em vários países da Europa e dos Estados Unidos.

Começou a trabalhar como ilustrador e redator em 1991. A sua popularidade surgiu com “El Baile del Vampiro” (A Dança do Vampiro, em tradução literal), série publicada pela Planeta DeAgostini dentro da sua coleção Labyrinth, pela qual foi nomeado para o Prémio Autor Revelação no Salão Internacional de Banda Desenhada de Barcelona em 1998. Esta série e a trilogia “La Conjura de Cada Miércoles” (A Conspiração de Todas as Quartas-feiras, em tradução literal) foram reeditadas recentemente nos Estados Unidos pela editora americana Dark Horse.

Atualmente mora em Valência e continua a trabalhar como cartoonista e ilustrador para os mercados espanhol e internacional.



Continua a  
aprender connosco  
Descobre aqui!



Fundación **M**APFRE



Validação Técnico-pedagógica

Revisão Técnica



EDUCAÇÃO



[www.fundacionmapfre.org](http://www.fundacionmapfre.org)